



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PETGeo
INFORMATIVO



ISSN: 1982-517X

Editorial

O mês de agosto começou agitado para o PET devido à diversidade de atividades e eventos que irão ocorrer neste segundo semestre. Despedimos-nos das petianas Carolina Datria Schulze e Raquel Gouvêa Lucio Bittencourt, assim está em andamento o processo seletivo de bolsistas do Grupo PET-Geografia, que começou no dia 29/07, para o preenchimento dessas vagas. No dia 20/08 ocorrerá a aula inaugural de geografia do segundo semestre organizada pelo PET. A palestra será ministrada pelo Professor Doutor Hoyêdo Lins com a temática “A cidade na globalização: imagens simbólicas, competição e fratura social”. Ainda na parte de ensino, o XIII SimGeo é o que está recebendo uma atenção maior do grupo. As inscrições estarão abertas até dia 31/08 e o recebimento de trabalhos foi prorrogado para o dia 23/08. Porém a melhor notícia do ano veio da extensão, pois o Projeto “Educando para o futuro: A armadilha do Aquecimento Global” foi selecionado no edital nacional do MEC PROEXT 2014 – o Programa de Extensão Universitária tem o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas. O projeto submetido consiste na elaboração de um documentário com a temática “aquecimento global”. Além disso, estamos organizando a oficina de Educação Ambiental para aplicarmos na Escola Universo localizada no Bairro Ingleses e na Escola Indígena M’Biguaçu no município de Biguaçu.

Um bom início de semestre para todos.

PetGeo FAED/UDESC

Expediente:

Bolsistas: Felipe Polmann Alberici, Francine Sagas Florindo, Gabriel Luiz de Miranda, Giovani Silveira dos Santos, Heloísa Helena Pereira, João Daniel Barbosa Martins, Laura Dias Prestes, Lucas Gonzaga Coelho, Raphael Meira Knabben, Yasmim Rizzolli Fontana dos Santos e Prof.^a Vera Lucia Nehls Dias

Edição: Giovani Silveira dos Santos.

Revisão: Grupo PET-Geografia

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho 12, fonte Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeopress@gmail.com

Nessa edição:

	Página
Artigo: Produção do Espaço Urbano: formas e funções, um exercício da dialética, em função da produção do capital.....	3
CinePET 2013.1.....	11
PET Indica.....	12
Eventos.....	14

Produção do Espaço Urbano: formas e funções, um exercício da dialética, em função da reprodução do capital.

RÖHNELT, Luiz Fernando Guimarães¹

RÖHNELT, Priscila Barcelos Cardoso²

Resumo

A cidade é o espaço da produção e da circulação das pessoas, informações e mercadorias. A produção do espaço urbano é consequência da interação entre os elementos que dinamizam a estrutura da cidade. Denotando a este espaço diferentes funções que dentro da lógica de organização capitalista se estabelecem em níveis, sendo estes interdependentes, que se articulam de acordo com os valores impostos discriminadamente aos espaços, distinguindo a estes diferentes níveis hierárquicos. Um jogo dialético, de poder, de trocas, de forças. Uma relação dialética, estabelecida entre os homens para com o espaço, exercida em favor de uma lógica de poder e dominação.

Palavras-chave: Espaço urbano, produção do espaço, segregação, reprodução do capital.

Production of urban space: forms and functions, an exercise of the dialectic, according to the reproduction of capital

Abstract

The city is the space of production and movement of persons, information and goods. The production of urban space is a consequence of the interaction between the elements that streamline the structure of city. Denoting this space to different functions within the logic of capitalist organization are set at levels, which are interdependent, that are articulated in accordance with the prescribed values discriminately to spaces, distinguishing between these different hierarchical levels. A game of dialectic, a power play, a set of exchanges, a trial of strength. A dialectical relationship, established among men for the space, exercised in favor of a logic of power and domination.

Keywords: *urban space, production of space, segregation, capital reproduction.*

¹ Prof. Ms. Instituto Federal Sul-rio-grandense. geopitty@yahoo.com.br

² Prof.^a Ms. Departamento de Geografia Universidade Federal de Pelotas. prirohnel@ yahoo.com.br

Considerações acerca do processo histórico de urbanização

O fenômeno urbano foi consequência de uma série de fatos ordenados e difundidos ao longo do processo histórico. Conforme será explicitado na ordem que se segue. No período Paleolítico, a característica primeira do homem era, marcadamente, o nomadismo, ou seja, viviam em pequenos grupos. Outra característica que possuíam era a de serem caçadores-coletores (viviam da caça e pesca e da coleta de raízes e frutos), forma de organização que visava a busca de sobrevivência do grupo. Já apresentavam uma divisão do trabalho, neste momento por gênero: onde os homens eram responsáveis pela caça e segurança do grupo e as mulheres responsáveis pela coleta e cuidado com os filhos. Ainda neste lapso temporal surge a necrópole (cidade dos mortos) primeiro local fixo, onde se agrupavam os mortos, partindo da concepção de que nestes lugares os vivos retornavam para comungar com os espíritos mortos – sendo este, o primeiro local de fixação de grupos em um determinado espaço, do homem primitivo. A cidade dos mortos diferenciava-se das cavernas, pois as cavernas eram lugares que serviam como abrigos temporários na vida nômade destinado a segurança, a caverna possuía caráter simbólico, pois representava uma incipiente e ainda ausente vida em comunidade. A caverna enquanto símbolo representava o local onde se praticavam rituais e onde desenvolviam suas ferramentas e utensílios para o dia-a-dia, se configurando em uma forma primeira de vida social.

As condições necessárias à fixação do homem e também corroborativa ao surgimento das cidades e do espaço urbano só foram possibilitadas pela transição do caráter organizativo do homem de caçador-coletor a pastor-agricultor, visto que, com a domesticação de animais, o desenvolvimento da agricultura e do armazenamento de alimentos e a consequente melhoria do suprimento alimentar, o homem passou a se fixar em determinado local e se tornar sedentário. Logo, a ocupação permanente do lugar se fez necessária para o acompanhamento do ciclo da produção, gerando uma nova forma de organização dos homens com o meio. A fixação proporcionou uma melhora no contingente da reprodução populacional, visto que, a melhoria das condições alimentares trouxe melhores condições energéticas gerando uma segurança alimentar. Passa-se a desenvolver assim a divisão do trabalho.

O sedentarismo, consequência do melhoramento nos cultivos agrícolas permitiram a fixação permanente do homem, garantindo sua subsistência, que possibilitou sua segurança alimentar através do domínio da técnica agrícola e da estocagem de alimentos, gerando assim, o excedente de produção e liberando alguns homens para o

exercício de outras atividades – divisão do trabalho – aqueles mais fortes ficavam incumbidos de garantir a proteção da aldeia e conseqüentemente, tornavam-se chefes políticos, tendo em vista, a questão da força como vetor de poder sobre os demais habitantes. A essa relação de dominação criou-se as condições de exploração de uma classe sobre a outra, relação transferida desde a ordem estabelecida com os caçadores-coletores em que os tributos eram destinados àqueles que caçavam “os mais fortes”. Tais fatos implicaram para a formação de uma sociedade dividida em classes – condição esta, fundamental para o nascimento das cidades.

A divisão do trabalho denota a estrutura de classes, que se baseia na diferenciação interna da vida produtiva e conseqüentemente social. Ascendendo ao grau de dominação entre urbano e agrário, onde o urbano que concentra a vida política de poder e decisões, como superior ao espaço agrário onde permeiam as relações de produtividade. Espaços marcados por relações de poder e dominação, espaços políticos.

A eminência do fenômeno urbano e das primeiras cidades, só foi possível a partir da transição de nômades a sedentários. No entanto, essa transição demarca transformações de ordem política que propuseram deliberações para a organização da vida social do espaço como um todo. Definindo diferentes arranjos e direcionamentos nos diferentes períodos da história humana. Logo, a cidade tem história.

As cidades, durante a Antiguidade, se configuravam como sendo a cidade-estado, nela estava centrado o processo político de controle sobre a produtividade oriunda do espaço agrário (campo). À cidade era pertinente o status político de controle (gerenciamento) onde este controle também era manifesto em relação às cidades menores, ou seja, as maiores e mais estruturadas controlando as questões pertinentes aos centros menores. Os impérios foram importantes neste contexto, pois ampliaram as áreas a serem urbanizadas. A cidade se caracterizava neste período por possuir poder político e econômico, centralizados e sistema de trabalho escravocrata.

As cidades na Idade Média perderam relativamente sua força e poder para o agrário (campo), pois durante o feudalismo o sistema social, político e econômico era descentralizado, cada feudo possuía sua autonomia administrativa. O trabalho não era mais baseado na mão-de-obra escrava, e sim, estruturado no trabalho dos vassallos que residiam nos feudos e trabalhavam para o senhor feudal através do regime de parceria ou meação, os camponeses – também conhecidos como vassallos, trabalhavam para o senhor feudal e em troca recebiam um pequeno lote de terras para as suas produções particulares, onde parte desta produção, ainda assim era destinada ao senhor das terras.

Esse período foi caracterizado por possuir poder político descentralizado, porém as questões religiosas e culturais eram monopolizadas pela Igreja Católica. Apresentando, neste momento, uma economia eminentemente agrária, e como consequência, a transferência de poder das cidades para o campo.

A transferência de poder político-econômico das cidades para o campo, assim como, o abandono das cidades, deve-se ao fato da hegemonia da Igreja Católica neste período, onde esta era detentora de dois terços das terras da Europa. Porém, com o retorno de organização e poder ao campo, as cidades ficaram unicamente mantidas pelas constituídas corporações de ofício - que eram profissões exclusivas para o exercício de atividades de artesãos e pequenas atividades comerciais. Estes artesãos mantinham monopólio no incipiente espaço das cidades que ainda restava, monopólio este concedido pelo poder local. Porém, a exclusividade e protecionismo salvaguardados pelas corporações de ofício, seguiam mediante uma rígida regulamentação dos produtos produzidos: quantidade, qualidade e preço. As corporações possuíam restrições sobre o que, quanto produzir e para quem estas mercadorias eram destinadas. No entanto, essa modalidade de produção se organizava de modo a constituir as bases da burguesia comercial.

A organização feudal monopolizava o excedente alimentar, porém, este controle estava em processo de desagregação, à medida que ocorria o fortalecimento da burguesia. Essa que se vigorava através do comércio da produção artesanal e dos excedentes de produção originados nos feudos. Como a sua produção e comercialização eram regulamentadas, os comerciantes (burgueses) direcionaram seu mercado consumidor e passaram a fornecer matérias-primas e ferramentas aos camponeses. Neste contexto o processo de servidão se erodia e ocorria o surgimento e desenvolvimento das trocas a partir do dinheiro. Com o dinheiro entrando em vigor como fator de troca (e o comércio sendo fomentado nas vilas), acrescido o fato de o sistema feudal estar baseado no sistema de servidão e subordinação, muitos camponeses fugiam dos feudos e se instalavam nas incipientes vilas, e passavam a atuar no comércio ou em atividades correlatas. À medida que os burgos foram crescendo e desenvolvendo suas atividades comerciais, passaram a lutar para conseguir independência política em relação aos senhores feudais. Logo, o renascimento do comércio, traz consigo o renascimento das cidades.

As cidades, durante a Idade Moderna, foram pautadas no processo de divisão internacional do trabalho, onde a matéria-prima era retirada das colônias e os produtos

manufaturados cabiam às metrópoles produzir. A relação de subordinação da sociedade de classes também se estabelecerá entre países: colonizadores e colonizados. Nesta perspectiva de uma colônia provedora de matéria-prima e uma metrópole beneficiadora dos produtos, se desenvolvem as cidades comerciais. E são nestes centros comerciais que se estabelece o gerenciamento do processo produtivo centrado nas diferentes áreas exploradas. Neste ambiente urbano, é que se davam as discussões, os planejamentos, as diretrizes e o gerenciamento político e econômico.

Já as cidades na Idade Contemporânea, representam o estágio mais complexo em termos políticos, econômicos e estruturais. Visto que a cidade na contemporaneidade é o espaço da produção e circulação. Já que com o desenvolvimento acelerado do capitalismo as cidades atuam como espaços de trocas e produção. Tão logo, por essa lógica, quanto mais produtividade, maior lucratividade. E, tão logo, mais agilidade e fluidez. Fatores e elementos que caracterizam o fenômeno urbano contemporâneo. Conforme aponta Botelho (2007)

O tempo sócio-histórico pode ser periodizado em três eras: a era camponesa (com predomínio do campo e da produção agrícola, com suas relações específicas de produção e seus problemas); a era industrial (com predomínio da empresa industrial, de sua racionalidade) e, por fim, a era urbana (com predomínio do urbano e sua problemática). Tal era não teria desenvolvido todas as suas potencialidades, estando em gestação. (LEFEBVRE, apud, BOTELHO, 2007, p.32)

A produção do Espaço Urbano

A cidade é o espaço da produção e da circulação das pessoas, informações e mercadorias. Espaço centralizador do poder e controle das ações industriais, comerciais e agropecuárias. Elementos que compõem e desenvolvem o processo capitalista de produção, sendo assim, as imposições capitalistas se configuram como sendo o agente modificador e transformador das formas, funções e estruturas da cidade, e desenvolvendo o processo expresso pelo fenômeno urbano.

De acordo com Botelho (2007)

O urbano deve ser visto não apenas como centro de produção e acumulação industrial, mas também como um elemento de controle da reprodução da sociedade capitalista em termos da força de trabalho, da troca e dos padrões de consumo. A cidade ou o que resta dela é o lugar da reprodução das relações capitalistas de produção, o que implica em particular, na reprodução da divisão do trabalho, isto é, separações no interior da divisão do trabalho. Principalmente da divisão técnica (nas unidades de produção) e a divisão social (no mercado). (LEFEBVRE, apud, BOTELHO, 2007, p.33)

As distinções conceituais entre cidade e urbano se estabelecem, como a cidade sendo o espaço (a base) da produção e circulação das pessoas, informações e mercadorias. E o

urbano como sendo o processo dinâmico envolvendo a interação de diferentes elementos e fatores que compõem a cidade. Tão logo, se a cidade é o espaço da produção e o urbano é consequência deste processo, verificam-se diferentes níveis de apropriação e utilização destes espaços urbanos. O que gera distintas organizações urbanas e distintos níveis hierárquicos. Pois,

O espaço é uma condição geral de existência e reprodução da sociedade. No modo de produção capitalista, ele é utilizado como meio de produção para a geração de mais-valia (além de propiciar a obtenção de uma renda por parte dos proprietários fundiários), sendo, nesse sentido, consumido produtivamente. O consumo produtivo sempre faz desaparecer uma realidade material ou natural – uma energia, uma força de trabalho, um instrumento, por exemplo, para transformar-se em valor adicionado à mercadoria. (BOTELHO, 2007, p.22)

O espaço sob a ótica do capital vira mercadoria funcionalizando ou refuncionalizando a cidade de acordo com os interesses dominantes (capitalistas). “O processo de produção da cidade desemboca no capitalismo na reprodução da cidade enquanto mercadoria, como extensão do mundo da mercadoria.” (CARLOS, 2006, p.47)

De acordo com CARLOS (2006), a ação contínua, ou seja, o processo de formatação da cidade no âmbito do sistema capitalista vislumbra a mesma, como sendo mercadoria (parcelas de um dado espaço dotadas de valores monetários distintos, tendo em vista a concentração ou a falta do que se convencionou chamar de equipamentos urbanos). Nesta abordagem, a autora aponta que a questão do acesso à terra urbana dá-se tendo em vista as regras do mercado. Sendo assim, tal processo confere a propriedade privada como sendo uma das ferramentas que realizam a função de mediação entre o mundo dos objetos e os indivíduos – limitando o entendimento da cidade enquanto espaço de criação e uso com vista a valorações.

Ao processo de fragmentação do espaço no que concerne à cidade, produz-se uma lógica em que necessidades do mercado sobrepõem-se ao conjunto das necessidades das populações que habitam determinados espaços. Para melhor entendermos a ideia em torno do que vem a ser segregação, mais precisamente segregação espacial urbana, devemos nos transladar do plano da lógica da separação (exclusão/inclusão) para o plano do conjunto dos processos que culminaram por possibilitar condições para a realização da reprodução social alicerçada na propriedade privada.

Conforme menciona CARLOS (2006):

A reprodução da cidade enquanto exterioridade, como consequência do desenvolvimento do capitalismo, que ao mesmo tempo em que precisa produzir a cidade como espaço produtivo produz a desvalorização dos espaços improdutivos da vida social, revela o conteúdo da crise urbana atual. (CARLOS, 2006, p.48)

O mundo urbano nos revela crises de diversas ordens e intensidades, uma primeira amostra desta ideia visualiza-se na questão da crise social no que concerne ao mundo do trabalho (exploração do homem pelo próprio homem), ou em outras palavras: homens subjugando os seus semelhantes – dialética distorcida.

A segregação revela como fundamento a propriedade como fonte de riqueza; revela uma sociedade que funciona sob a lógica de uma estrutura de classes com acessos diferenciados a riqueza produzida, bem como a estratégia de classes na ocupação da cidade. Uma sociedade apoiada num conjunto de relações sociais que tem na propriedade privada da terra [...], uma base sólida, base de uma orientação social e política que freia firmemente as possibilidades de transformação social profunda da sociedade. (CARLOS, 2006, p.54)

A segregação que MARCUSE (2004) define como sendo o processo pelo qual um grupo populacional é forçado, involuntariamente, a se aglomerar em uma área espacial definida. As forças que produzem tal impacto tem se perpetuado historicamente, e contraditoriamente negligenciadas pelo Estado.

Processo contraditório encontrado nos avanços do processo de segregação que se realiza espacialmente. Dinâmica visível na paisagem que revela o mundo pelo qual a sociedade se realiza enquanto reprodução do espaço, revelando e distinguindo possuidores e despossuídos. Os possuidores como sendo os detentores do poder e seus benefícios e os despossuídos como sendo os deixados à margem de um processo excludente e desigual, de um projeto viabilizado em pró de lucros e acumulação de capital. Caracterizando no espaço urbano um processo de produção do espaço onde este é ditado pelos interesses da acumulação nas mãos de uma minoria, culminando na característica primeira de ocupação e utilização do espaço brasileiro, a desigualdade social.

Referências

BOTELHO, Adriano. **O Urbano em Fragmentos** – A produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Urbanização, crise urbana e cidade no século XXI. In: BORZACHIELLO, J. (Org.) **Panorama da Geografia Brasileira II**. São Paulo: Annablume, 2006, p.47-56.

CASTELLS, Manuel. **La Cuestión Urbana**. [1972.] México: Siglo Veintiuno. 1978.

CORREA, Roberto Lobato. Processos Espaciais e a Cidade. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 121-143.

DELLE DONNE, Marcella. **Teorias sobre a cidade**. Lisboa: Portugal. São Paulo: Martins Fontes, s/d, p. 39-70.

MACKENZIE, R. O Âmbito da Ecologia Humana [1926]. **Cidades**. V. 2, n.4, 2005, p. 341-353.

MARCUSE, Peter. Enclaves, sim; Guetos, não: A Segregação e o Estado. In: **Espaço e Debates**. São Paulo: v.24, n.45, jan/jul 2004, p.24-33.

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório**. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 29-93.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Lincoln Institute, 1998.

CinePET 2013.1

por Giovani Silveira dos Santos

O Grupo PET- Geografia-UDESC, cujo qual eu sou bolsista aplica um projeto de extensão intitulado de “CinePET”, nosso projeto é voltado para as instituições públicas de ensino fundamental e médio. O Cine PET tem como objetivo promover debates e discussões acerca de assuntos polêmicos ou que possam ser relevantes para a formação crítica dos alunos, tornando assim uma aula dinâmica e explicativa.

No primeiro semestre de 2013, o CinePET foi aplicado para as turmas do ensino médio do Colégio Estadual Leonor de Barros no bairro Itacorubi em Florianópolis/SC, com o tema “Aquecimento Global”. Para trabalhar esta temática levamos trechos de filmes de que defendem as duas hipóteses que existem sobre este assunto, o documentário “Uma verdade inconveniente” de Al Gore, político e ativista ambiental norte-americano, que acredita no aquecimento global e trechos do programa do Jô Soares da emissora Rede Globo, da entrevista do Professor Dr. Ricardo Augusto Felício, bacharel e mestre em Meteorologia, pela Universidade de São Paulo (USP) e pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE) e doutor em Climatologia pela USP, que não acredita no aquecimento global. Após os vídeos aplicamos distintos questionários sobre a polêmica levantada durante a atividade.

A última atividade a ser realizada com esta temática será na Escola de Educação Básica Getulio Vargas no bairro Pantanal em Florianópolis/SC, ainda este mês. Aplicaremos de maneira diferente das didáticas anteriores, reuniremos as turmas do ensino médio, passaremos os vídeos e após isso faremos um debate, onde os alunos se dividirão em dois grupos, um grupo a favor das idéias de Al Gore e outro grupo a favor das idéias do professor Ricardo.

Contudo procuraremos avaliar os alunos pelo desempenho e interesse na atividade desenvolvida. Com este método coletivo de avaliação pretendemos despertar um maior interesse dos alunos na atividade em questão.

PET indica:

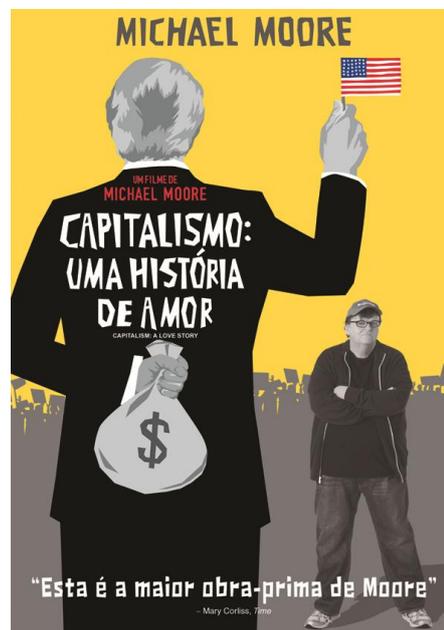
(sugestões de filmes, livros, etc.)

Documentário: Capitalismo: Uma História de Amor
Sinopse:

O documentário explora as raízes da crise financeira global de 2008, no período de transição entre a saída de George Bush e a posse de Barack Obama no governo dos EUA, as falcatruas políticas e econômicas que culminaram no que o diretor descreve como "o maior roubo da história dos EUA": a transferência de dinheiro dos contribuintes para instituições financeiras privadas.

Fonte:

<http://socializandofilmes.blogspot.com.br>



Filme: Elefante Branco

Sinopse:

O padre Julián (Ricardo Darín) e o padre Nicolás (Jérémie Renier) trabalham ajudando os menos favorecidos na favela de Villa Virgen, periferia de Buenos Aires. O local é um antro de violência e miséria. A polícia corrupta e os próprios sacerdotes da Igreja nada fazem para mudar essa realidade e os dois clérigos terão de por suas próprias vidas em risco para continuar do lado dos mais pobres.

Fonte:

<http://www.adorocinema.com>



Livro: Conversas com um jovem professor.

Autor: Leandro Karnal

Sinopse:

Nesta obra o leitor não encontrará citações de grandes obras, conhecerá experiências em classe. Tanto as que deram certo como as que fizeram o autor se arrepender depois. Professor com vasta experiência, dono de texto envolvente, Leandro Karnal discute os problemas cotidianos daqueles que lecionam: como dar aula, como corrigir provas, o que é necessário lembrar numa reunião com os pais. Em poucas palavras: como realmente lidar com as práticas escolares. Obra imprescindível para quem se aventura a ensinar.

Fonte:

<http://www.relativa.com.br>



Eventos

AGOSTO

IV Semana Paulo Freire Pedagogias Latino-Americanas para a Transformação Social

Data: 19 a 21 de agosto de 2013.

Local: Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

Informações: <http://noticias.ufsc.br>

3º Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Geofísica – 13º CISBGf

Data: 26 a 29 de agosto de 2013.

Local: Centro de Convenções SulAmérica, Rio de Janeiro, RJ.

Informações: <http://sys2.sbgf.org.br/congresso/>

SETEMBRO

12º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia

Data: 15 a 19 de setembro de 2013

Local: João Pessoa – PB

Informações: <http://enpeg2013.com.br>

XIII Simpósio de Geografia da UDESC-FAED

Data: 23 a 26 de setembro de 2013

Local: UDESC, Florianópolis - SC

Informações: <http://xiiisimgeoudesc.wordpress.com/>

VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária

Data: 29 de setembro a 3 de outubro de 2013.

Local: UFPB, João Pessoa-PB

Informações:

<http://www.xvsbgfa2013.com.br/>

OUTUBRO

VIII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares

Data: 14 a 17 de outubro de 2013

Local: Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), MG.

Informações:

<http://www.ufsj.edu.br/coloiuodecartografia/>

NOVEMBRO

VII Encontro Brasileiro da Rede Estrado - Trabalho Docente e Políticas de Responsabilização

Data: 20 a 22 de novembro de 2013

Local: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na cidade de Vitória.

Informações:

<http://www.eventos.ufes.br/index.php/ebre/index/schedConfs/current>